

**22/5/1985**

**Cinco horas de reunião. E novo fracasso.**

Depois de mais de cinco horas de discussões, na Delegacia Regional do Trabalho, mais uma vez, trabalhadores, fornecedores e usineiros não conseguiram chegar a um acordo sobre a campanha salarial dos cortadores de cana-de-açúcar. E a Faesp — Federação da Agricultura do Estado de São Paulo — decidiu requerer o encaminhamento do processo, para dissídio, ao Tribunal Regional do Trabalho.

A reunião de ontem foi mais uma tentativa do ministro Almir Pazzianotto, do Trabalho, para que as partes chegassem a um consenso sem a necessidade do dissídio. No entanto, apesar de suas várias mediações, pelo telefone, o principal impasse nas negociações permaneceu: como deve ser avaliado o metro da cana cortada (principal reivindicação dos grevistas).

Para José Ari Morales, diretor da Faesp, não é justo se estabelecer um único preço para todo o Estado, porque, por exemplo, "a região de Presidente Prudente e a de Ribeirão Preto têm produtividade completamente diferente". Por esse motivo a Federação propôs a amostragem por dia, ou seja, pela manhã deveria ser pesado um caminhão amostra de cana cortada, e a partir daí seria definido o preço do dia.

A Fetaesp (Federação dos Trabalhadores da Agricultura no Estado de São Paulo) não concorda com o método e continua a defender o preço por metro linear, embora, na reunião, tivesse apresentado uma contraproposta de redução dos valores do metro da cana cortada e da diária.

Para Vitor Jorge Faria, diretor da Fetaesp, os trabalhadores já cederam o que podiam e "não dá para ficar mais em baixo". Para ele a greve vai prosseguir.

Segundo Vitor Faria, ontem, a paralisação chegou a 70 mil trabalhadores na região de Ribeirão Preto: 100% em Barrinhas, Serrana, Sertãozinho, Pontal e Santa Rosa, 60% em Bebedouro (laranja) e boa parte dos trabalhadores de Pitangueiras, Batatais (café), Altinópolis e Barretos. Os cortadores de cana de Assis, Taquaritinga, Ourinhos, Xavantes e Santa Cruz do Rio Pardo já assinaram acordo, com base em Cr\$ 3.900 a tonelada da cana cortada, sem discutir o pagamento por metro, nem a diária.

Os usineiros, como Eduardo Junqueira, diretor da Sopral (Sociedade dos Produtores de Açúcar e Alcool), acredita que em parte a paralisação foi provocada pelas chuvas, ou, ainda, que resultou da ação de piquetes, como afirmou o advogado do Sindicato do Açúcar e do Alcool, Márcio Maturano, que lembrou, inclusive, que em Serrana a polícia já recebeu assinatura, em boletins de ocorrência, de mais de quatro mil pessoas que foram impedidas de trabalhar por causa dos piquetes. Nos próximos dias, a Faesp, representando os patrões, também deverá encaminhar solicitação ao Tribunal Regional do Trabalho para julgamento da greve.

Denise Campos de Toledo

**(Página 11)**